

Nunca Fui Beijada: O Jornalismo Dentro da Comédia Romântica¹

Davi Nicolas Tavares QUEIROZ²

José Ricardo da SILVEIRA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo procura mostrar como os filmes de comédia romântica veem a profissão do jornalista a partir do filme *Nunca Fui Beijada* (*Never Been Kissed*, lançado em 1999). Para isso, é construída uma análise fílmica, traçando um paralelo entre acontecimentos mostrados no filme e a Teoria Organizacional do jornalismo, com base no texto *Social Control in Newsroom*, de Warren Breed, e nos estudos de Nelson Traquina.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; comédia romântica; teoria organizacional; teoria do jornalismo; comunicação.

ABSTRACT

This paper intends to show how romantic comedy films see journalism through a movie analysis of “*Never Been Kissed*”, released in 1999. The analysis draw a parallel between situations seen in the film and the Organizational Theory, based on the article *Social Control in Newsroom*, written by Warren Breed in 1955 and the studies by Nelson Traquina.

KEYWORDS: cinema; romantic comedies; organizational theory; journalism theory; communication.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe a interpretação do filme *Nunca Fui Beijada* (*Never Been Kissed*, no original), lançado pela 20th Century Fox em 1999, dentro dos estudos do jornalismo. Classificado como uma comédia romântica adolescente, o filme conta a história de Josie Geller, a mais jovem copidesque do jornal *Chicago Sun Times*, que recebe a tarefa de escrever uma reportagem investigativa acerca da juventude e acaba infiltrada em uma escola de Ensino Médio.

Utiliza-se como referência teórica a seção de Teoria Organizacional do livro de Nelson Traquina, *Teorias do Jornalismo*, bem como o artigo de Warren Breed que deu

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: eu@da5vi.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: j_silveira@yahoo.com

origem aos estudos dentro da Teoria Organizacional, o *Social Control in Newsroom*, lançado em 1955.

Sendo assim, esse estudo traçará um paralelo entre os eventos abordados no filme com os estudos da área de teorias do jornalismo, mais especificamente na abordagem teórica dos constrangimentos organizacionais, facilitando o entendimento de como o jornalismo é visto dentro do cinema, especificamente na área de comédias voltadas ao público juvenil.

CONSTRANGIMENTOS ORGANIZACIONAIS

Desenvolvida na década de 50, a Teoria Organizacional nasceu a partir de um artigo publicado por Warren Breed na revista “Forças Sociais”. “No seu estudo [...], Breed insere o jornalista no seu contexto mais imediato, a organização para a qual trabalha” (TRAQUINA, 2005, p. 152).

Esta teoria reforça a importância “dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista” (TRAQUINA, 2005, p. 152), considerando que o jornalista se adapta às normas da política editorial da organização, deixando em segundo plano todas as crenças pessoais que eles tenham adquirido ao longo do tempo.

“O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redator no que diz respeito às normas do seu trabalho. Quando o jornalista inexperiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual é a política editorial. Nem nunca será” (BREED *apud* TRAQUINA, 2005, p. 152). Os estudos de Breed descobriram que essa socialização acontece a partir de um sistema de “recompensa e punição”. Os profissionais aprendem normas da casa por “osmose”, sendo pegos de surpresa pelas consequências de seus erros e/ou acertos.

(T)odos, com exceção dos novos, sabem qual é a política editorial [...]. Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades (BREED *apud* TRAQUINA, 2005, p. 153).

Sendo assim, o foco da Teoria Organizacional está no processo de socialização organizacional onde se enfatiza uma “*cultura* organizacional, e não uma *cultura profissional*” (TRAQUINA, 2005, p. 153).

São identificados, então, seis fatores que ajudam a propagar o conformismo com as normas da organização: A autoridade institucional, que é o receio dos jornalistas de receberem punições de seus superiores. Ser escalado para trabalhar em uma área que lhe é considerado “menos agradável”, reescrever peças de trabalho, a assinatura ou não da peça e até mesmo sua não publicação podem ser tidos como exemplo de punições temidas pelos profissionais; O sentimento de obrigação que vem com o tempo de trabalho e criação de laços de amizade, fazendo com que o jornalista sinta respeito e agradecimento pelos mais experientes que lhes ensinaram algo; Aspirações de mobilidade – ou seja, o desejo que o jornalista possui de alcançar uma melhor posição dentro da empresa; Ausência de grupos em conflito; O prazer do trabalho e o valor da notícia – como a meta é produzir o maior número de boas notícias por dia, contestar as políticas da empresa é uma atividade que fica em segundo plano.

A teoria de Breed diz que a implementação de um regime ditatorial dentro da sala de redação seria impossível, uma vez que isso poderia ser configurado como “afronta a um dos pilares da legitimidade profissional, a independência do jornalista” (TRAQUINA, 2005, p. 156).

Deste modo, a Teoria Organizacional também identifica cinco fatores que auxiliam jornalistas a iludir o controle da empresa: Falta de clareza em normas editoriais; Os editores podem ignorar fatos específicos, como o de que o jornalista tem o poder de seleção em vários momentos – seja na escolha do entrevistado, que perguntas fazer e que tom dar a cada notícia; A “prova forjada”, quando o jornal se recusa a publicar uma história e o jornalista a vende para o rival como forma de mostrar ao seu editor que a notícia é importante demais para ignorar; Tipos de notícias onde o jornalista tem mais autonomia e o próprio estatuto do jornalista.

Assim, segundo a *Teoria Organizacional*, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística. O jornalista sabe que seu trabalho vai passar por uma cadeia organizacional em que os seus superiores hierárquicos e os seus assistentes têm certos poderes e meios de controle. O jornalista tem que se antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos [...] e as reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a [...] sua carreira profissional (TRAQUINA, 2005, p. 157-158).

Mesmo enfatizando que as notícias são resultado de interações sociais dentro da redação do jornal, a Teoria Organizacional também alerta para outro fator importante na

construção das notícias: o fator econômico. “Temos aqui o problema do sensacionalismo no jornalismo, acentuado ainda mais pela concorrência. A procura do lucro poderá levar a empresa jornalística à crescente utilização de [...] técnicas de marketing” (TRAQUINA, 2005, p. 159).

Essa dimensão econômica faz com que a notícia seja vista como “um produto que deve ser inserido na relação existente entre o produtor e o cliente e satisfazer as exigências do cliente” (TRAQUINA, 2005, p. 160). Ou seja, a notícia passa a ter não apenas a função de levar informação, mas também de entreter, causar algum tipo de comoção no leitor para que ele possa comprar mais, gerando lucro para o jornal.

Neste cenário encontra-se o filme *Nunca Fui Beijada*, onde uma jornalista é escalada para trabalhar como agente infiltrada dentro de uma escola de ensino médio nos Estados Unidos para escrever uma matéria impactante sobre costumes juvenis comumente estereotipados pela mídia, como o uso de drogas.

MAS AFINAL, O QUE É ANÁLISE FILMICA?

Analisar um filme nada mais é do que a decomposição deste e, apesar de não ter uma metodologia universalmente aceita para tal, Manuela Penafria nos diz que a análise tem duas etapas de grande importância: “decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (PENAFRIA, 2009, p. 01). A análise fílmica é importante, do ponto de vista da comunicação, pois é uma forma de compreender as mensagens “como produtos comunicacionais, especialmente aquelas inseridas em meios de comunicação de massa” (COUTINHO, 2005, p. 331). O objetivo de uma análise fílmica é explicar o funcionamento de determinado filme e “propor-lhe uma interpretação” (PENAFRIA, 2009, p. 01). É uma reconstrução, a fim de descobrir como determinados elementos foram associados dentro do filme.

A abordagem deste artigo se encaixa dentro dos parâmetros da análise de conteúdo que, segundo Penafria, “considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme” (PENAFRIA, 2009, p. 06). A priori, identifica-se o tema do filme e, em seguida, “faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema” (PENAFRIA, 2009, p. 06). Neste caso, analisa-se o filme *Nunca Fui Beijada* (*Never Been Kissed*), dando-lhe um significado dentro do estudo de teorias do jornalismo.

COMÉDIAS ROMÂNTICAS: IDENTIFICANDO “NUNCA FUI BEIJADA”

Gênero é uma palavra de origem francesa e significa “tipo”. Sendo assim, gêneros de filmes são, basicamente, diferentes tipos de filme. “Decidir que um filme se encaixa dentro de um gênero bem definido pode ser uma maneira para os críticos evitarem-no, uma vez que filmes catalogados em gêneros são geralmente vistos [...] como produções destinadas à massa” (MCDONALD, 2007, p. 7).

Nunca Fui Beijada encaixa-se nos parâmetros de comédia romântica, o gênero cinematográfico menos apreciado do cinema. Apesar de, nos últimos anos, a comédia romântica – ou “romcom”, abreviação do termo inglês *Romantic Comedy* – não ter conquistado premiações importantes ou despertado atenção da crítica, esse tipo de filme é bastante apreciado pelo público. Uma comédia romântica é um filme cuja narrativa central fala sobre a busca pelo amor, e que aborda essa busca de forma leve e quase sempre com o famoso “final feliz”.

Romcoms são geralmente vistas como filmes destinados ao público feminino e são “essencialmente calculistas em sua execução, cinicamente manipulando uma resposta sentimental e emocional do espectador” (ABBOT; JERMYN, 2009, p. 2). Em *Nunca Fui Beijada*, isso pode ser visto no momento em que, por exemplo, durante o baile de formatura, Josie Geller – a protagonista – resolve quebrar seu disfarce de estudante e falar um pouco sobre o que aprendeu nas últimas semanas de volta ao Ensino Médio, resultando em um conflito com seu possível par amoroso, o professor Sam Coulson, e seu irmão, que estava também disfarçado para ajudá-la e quase conseguiu uma bolsa de estudos por suas habilidades esportivas.

Este gênero é visto como exaustivamente formulaico, e geralmente segue uma linha de acontecimentos específicos: “garoto conhece garota, garoto e garota encontram obstáculos para sua união romântica, garoto e garota superam obstáculos para encontrar amor verdadeiro” (ABBOT; JERMYN, 2009, p. 2). *Nunca Fui Beijada* traz os acontecimentos da seguinte maneira: Josie conhece Sam na escola. Uma vez que ele é professor e ela está disfarçada de aluna, eles não podem criar um relacionamento. Após descobrir o disfarce, Sam se afasta e Josie decide escrever uma crônica para o Chicago Sun Times sobre ter encontrado ele, seu amor verdadeiro, na esperança de que eles possam ficar juntos.

O filme também aborda experiências da adolescência – dolorosas ou não. Em *Nunca Fui Beijada*, Josie sofreu *bullying* na adolescência por ser a “garota nerd”. Ao receber o

trabalho de “agente infiltrada” do jornal, ela entende isso como uma segunda chance, e faz o possível para se enturmar na “panelinha” dos mais populares e ser a rainha do baile de formatura. “Essas comédias de baile de formatura atraem tanto jovens quanto adultos ao realizar uma exploração ambivalente dos prazeres e horrores da adolescência e do romance durante o Ensino Médio” (ABBOT; JERMYN, 2009, p. 5).

A ANÁLISE

Em seu artigo, Warren Breed diz que o ambiente de trabalho jornalístico se divide em duas categorias principais: Executivos, que inclui o jornal e seus editores, e Funcionários, que são os repórteres, copidesques etc.

Dentro da categoria ‘Funcionários’ encaixa-se Josie Geller, nossa protagonista. Ela tem 25 anos e é a mais jovem copidesque do *Chicago Sun Times*. Esse fato é evidenciado de forma que o espectador entenda que Josie, apesar de não fazer parte do grupo de executivos, está em uma alta posição na empresa por possuir um “secretário dedicado” e seu próprio escritório. “O funcionário deve ser visto em termos de suas aspirações e *status*, dentro da estrutura da sala de redação e da sociedade em geral” (BREED, 1955, p. 329).

Apesar de ser considerada “a melhor copidesque” do *Chicago Sun Times* – e ela faz questão de demonstrar suas habilidades ao corrigir discursos orais de colegas e amigos, uma vez que os funcionários também devem ser vistos como referência no que fazem no dia-a-dia – Josie deseja algo mais: escrever sua própria matéria. “Todos os jovens empregados mostram desejo de alcançar um *status*. [...] Na prática, alguns respondentes disseram que uma boa tática de avanço era conseguir ‘grandes’ histórias na Página Um” (BREED, 1955, p. 330).

Ela envia ao seu editor, Gus, sugestões de pauta na esperança que ele a coloque à frente de alguma delas. Porém ele acredita que ela “não é uma repórter”, e passa adiante as pautas levantadas por Josie para outros funcionários da empresa. “Editores [...] podem simplesmente ignorar histórias que possam vir a criar ações desviantes, e quando isto é impossível, atribuem-na para um empregado ‘seguro’” (BREED, 1955, p. 330). Mesmo que escrever uma matéria seja o seu grande sonho, Josie demonstra conformidade com a situação, uma vez que ela gosta de seu trabalho e do *status* que alcançou cedo na vida.

No dia seguinte, durante uma reunião de pauta, o editor-chefe demite um jornalista por não ter escrito uma matéria sobre pesticidas no supermercado melhor que a da concorrência. Infere-se que esta seja uma forma de mostrar “quem é que manda”, aumentando o medo de punições entre os empregados. “Nessas reuniões, o empregado pode

tomar conhecimento do que é dito ou não por executivos. É importante ressaltar que políticas editoriais não são explicitamente declaradas na reunião de pauta ou em lugar algum, salve exceções” (BREED, 1955, p. 329).

Após uma explicação sobre como ele descobriu que conhecia pouco dos filhos, o editor-chefe sugere que seja feita uma matéria sobre a vida adolescente e, aleatoriamente, escala Josie para se matricular em uma escola de Ensino Médio e realizar um trabalho investigativo durante um semestre letivo.

Os colegas de trabalho de Josie – um deles é Gus, o editor que passa adiante suas pautas para outros funcionários – tentam aconselhá-la a rejeitar a oferta, mediante a pressão exercida pelo diretor na reunião de pauta. Positiva, ela decide seguir em frente e tenta mostrar aos colegas sua confiança na tarefa que lhe foi incumbida, lembrando-lhes das vezes em que ela os ajudou a resolver questões pessoais como aprender o básico de espanhol e o uso de agulhas de tricô. “Respeito, admiração e gratidão podem ser sentidos por alguns editores que, talvez, tenha lhes ensinado algo ou que tenham, de qualquer outro modo, prestado ajuda no sentido mais paternal” (BREED, 1955, p. 330).

Aqui, há uma inversão de papéis dentro da teoria organizacional, uma vez que Josie não faz parte do quadro de editores, mas usa o sentimento de gratidão a seu favor. “É também notado que uma punição fica implícita se a política editorial da empresa não for seguida” (BREED, 1955, p. 329). Sendo assim, Gus reforça a Josie de que não pode garantir que ela continuará no *Chicago Sun Times* se não entregar uma matéria dentro do que lhe é esperado, mesmo aceitando lhe dar a oportunidade.

Josie então vai em busca de roupas e acessórios que possam lhe ajudar a entrar na pele de um adolescente dos anos noventa, tentando ao máximo não ser taxada novamente como a “nerd” entre os colegas, evitando ser alvo de possíveis brincadeiras de mau gosto. Infelizmente, não é isso o que acontece e ela acaba – mesmo que não com a mesma intensidade de outrora – sendo alvo de piadinhas dos colegas. Porém, é interessante notar que devido a sua maturidade, ela não se sente diminuta e adota uma postura de maior confiança em si mesma durante o período.

Apesar de todos os problemas encontrados por ela nesse primeiro momento, Josie desenvolve uma afeição especial pelo professor de língua inglesa Sam Coulson, que lhe é recíproca dentro dos parâmetros permitidos. Após três semanas de tentativas (sem sucesso) de se enturmar com os populares, Josie é chamada para uma reunião com Gus, o editor, onde ele está visivelmente alterado por ter visto uma matéria no jornal rival – aqui chamado

apenas de “*Trib*” – sobre os mesmos adolescentes que Josie deveria escrever. “Outro ponto de contato com executivos é uma reunião de conferência [...], onde o empregado mostra suas descobertas e os executivos discutem como moldar a história. Uma típica reunião é composta por duas pessoas” (BREED, 1955, p. 329).

Neste caso, a reunião é feita para questionar o motivo pelo qual Josie não descobriu nada sobre “A Corte” – lugar que o “*Trib*” descreve como o ponto onde os jovens vão para consumo de álcool e drogas. “Leitores de jornais possuem um grande poder sobre a performance da imprensa. Visto como um cliente, o leitor tem direito de receber [...] um jornal interessante” (BREED, 1955, p. 335). O enfoque do jornal rival para o que se é considerado um estereotipo de comportamento adolescente pode ser visto como de alto interesse para o público do *Chicago Sun Times* – logo, uma oportunidade desperdiçada por Josie de produzir uma grande reportagem. “Conseguir notícias é um desafio contínuo, e responder a este desafio é trabalho do jornalista” (BREED, 1955, p. 331).

Gus então ameaça Josie, lembrando-lhe novamente que o emprego de ambos depende do sucesso dela em encontrar histórias como aquela. Para Josie, nunca lhe foi explicado que aquele era o viés correto para sua história até então, uma vez que o editor-chefe lhe pediu algo sobre a vida dos adolescentes em geral. Mesmo assim, era esperado que ela soubesse que aquele era o direcionamento “perfeito” a ser dado para a matéria, embora esta seja a primeira vez que ela esteja escrevendo algo para o jornal.

Para evitar que ela cometa o mesmo erro novamente, Gus faz com que Josie ande com uma câmera escondida. Assim, ele pode ver o que ela está fazendo e ajudá-la a escolher o direcionamento correto para a notícia.

A harmonia entre empregados e executivos está cimentada no interesse comum de elaborar notícias. Qualquer potencial conflito entre os dois grupos [...] seria dissipado pelo fato de que a construção de uma notícia é um bem maior. A solidariedade da sala de imprensa, então, é reforçada (BREED, 1955, p. 332).

Toda a equipe do *Chicago Sun Times* passa a se reunir para assistir o dia-a-dia de Josie na escola – especialmente quando fica claro os seus sentimentos por Sam Coulson, o professor de inglês, e vice-versa. Gus então convoca outra reunião de conferência para dizer a Josie que seu relacionamento com o professor seria a história que ela iria escrever.

Como o envolvimento amoroso entre professor e aluno é proibido, este seria um grande “furo” que venderia uma quantidade considerável de jornais. Mesmo não havendo,

necessariamente, um relacionamento deste tipo entre os dois, a busca por uma manchete sensacionalista em nome das vendas é um critério que pesa, aqui, na construção da notícia.

Disposta a agir de acordo com seus ideais, Josie decide quebrar seu disfarce e, durante o baile de formatura, revela sua identidade para todos os colegas. É importante salientar que a decisão foi tomada com a intenção de dar uma lição de vida aos jovens que ali estavam, baseada no quanto ela sofreu por ser a “garota nerd” na adolescência. Sam também descobre que Josie deveria escrever uma matéria sobre o relacionamento dos dois. Embora essa nunca fosse a intenção dela, ele se sente usado e decide acabar com qualquer relação que existiu entre os dois.

Josie decide boicotar a abordagem sugerida por seu editor e escreve uma crônica intitulada “Nunca Fui Beijada”, onde ela narra sua experiência de volta à escola e o relacionamento com Sam, pedindo-lhe que, caso leia a matéria, lhe dê seu primeiro beijo. “A menos que o empregado seja inocente ou incomumente independente, ele tende a moldar suas histórias a partir daquelas que ele vê no jornal” (BREED, 1955, p. 329). Aqui, Josie atua de forma independente das políticas da empresa e mesmo assim consegue ter sua história publicada. A crônica é bem recebida pelo público e se torna um grande sucesso.

CONCLUSÃO

É interessante notar que apesar de bastante fantasioso, *Nunca Fui Beijada* acerta em diversos pontos ao mostrar a dinâmica organizacional do jornalismo. Claro, há o uso de situações que estão longe de acontecer em um jornal de verdade, mas percebe-se que há uma semelhança muito grande entre a teoria e a ficção.

Também é percebido que o filme trata o jornalista como um “detetive” que tem a sua disposição apetrechos especiais para realizar seu trabalho: o de observar tudo e todos em busca do próximo grande furo. Talvez essa visão seja um reflexo do sensacionalismo, em especial o da TV, que costuma trabalhar de forma semelhante em alguns casos.

Nunca Fui Beijada mostra que o jornal muitas vezes aposta em manchetes sensacionalistas e no estereotipo comportamental que a sociedade tem do adolescente – e que isso nem sempre é o que as pessoas querem ver. Infere-se que o sucesso da crônica de Josie é uma maneira de ensinar uma lição ao jornalismo: Uma ótica positivista sob o objeto investigado às vezes vale mais que um furo sensacionalista.

A pressa por buscar uma notícia que venda jornais faz com que não enxerguemos, às vezes, o assunto com profundidade – perdendo a chance de realizar um trabalho que se diferencie dos demais. O sucesso do artigo “Nunca Fui Beijada” mostra que talvez, se Josie

não olhasse para sua experiência com um viés romântico e sem tratar o adolescente como o típico rebelde sem causa, o texto não teria a mesma repercussão.

BIBLIOGRAFIA

ABBOT, Stacey; JERMYN, Deborah. A Lot Like Love: The Romantic Comedy in Contemporary Cinema. In: ABBOT, Stacey e JERMIN, Deborah (Orgs.), **Falling in Love Again: Romantic Comedy in Contemporary Cinema**. Londres: L.B. Tauris, 2009.

BREED, Warren. Social Control in Newsroom: A Functional Analysis. **Social Forces**, Carolina do Norte, vol. 33, n. 4, p. 326-335, 1955.

COUTINHO, Yuska. Leitura e Análise da Imagem. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (Orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MCDONALD, Tamar Jeffers. **Romantic Comedy: Boy Meets Girl Meets Genre**. Nova York: Columbia University Press, 2007.

NUNCA Fui Beijada. Produção de Drew Barrymore. Dirigido por Raja Gosnell. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1999. 1 DVD.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - Conceitos e Metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM. 2009, Lisboa. Lisboa: SOPCOM, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias São como São?**. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005.